

CARTAS DE AMOR PERNAMBUCANAS DA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX: UMA ANÁLISE DO SUBGÊNERO

LOVE LETTERS FROM PERNAMBUCO IN THE FIRST HALF OF THE TWENTIETH CENTURY: AN ANALYSIS OF THE SUBGENRE

Aldeir Gomes da Silva¹

Resumo: Neste trabalho, analisamos cartas de amor produzidas e/ou destinadas ao Estado de Pernambuco em alguns momentos do final da primeira metade do século XX, em diferentes contextos sociais. Estamos fundamentados em fatores formais, linguístico-discursivos e Tradições Discursivas (TD) que fazem parte das correspondências. Guiamo-nos pela subcaracterização proposta por Souza (2012), que identifica na carta pessoal três grandes grupos, em conformidade com os tipos de relação interpessoal estabelecida entre remetente e destinatário. Assim, temos por objetivo identificar e caracterizar as cartas no corpus analisado enquanto subgênero da carta pessoal de acordo com suas especificidades e verificar como o nível de intimidade entre o casal de escreventes se manifesta textualmente. Para tanto, partimos das abordagens de Koch (1997), Oesterreicher (1997), Kabatek (2003, 2006), Souza (2012), Longhin (2014) e Gomes e Lopes (2016).

Palavras-chave: Carta de amor; Tradição Discursiva; Subgênero.

Abstract: In this work, we analyze love letters produced and/or directed to the State of Pernambuco in some moments in the end of the first half of the twentieth century, in different social contexts. We are theoretically based on formal, linguistic-discursive factors and Discursive Traditions (TD) which form part of the letters. We are guided by the subcategorization proposed by Souza (2012), who identify in the personal letter three large groups, according to the types of interpersonal relationship established between sender and recipient. Thus, we aim at identify and characterize the letters in the analyzed corpus as a personal letter's subgenre according to its specificities, and verify how the level of intimacy between the couple of writers manifest themselves in writing. For this purpose, we start from approaches by Koch (1997), Oesterreicher (1997), Kabatek (2003, 2006), Souza (2012), Longhin (2014) and Gomes and Lopes (2016).

Keywords: Love letter; Discursive Tradition; Subgenre.

1 Introdução

É sabido que a carta é uma das formas de comunicação mais antigas da história da humanidade, da qual vários gêneros em circulação atual são oriundos. Há quem considere que a carta é, na verdade, a mãe de todos os gêneros. Essa constatação pode ser justificada pela maleabilidade desse gênero, que proporcionou, no decorrer do tempo, que a carta tomasse

¹ Mestrando em Linguística pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Recife, Brasil, e-mail: gomes.aldeir@yahoo.com.br

diversas formas e funções, de acordo com as relações estabelecidas e com as finalidades atribuídas².

A respeito dos estudos sobre as cartas, Pessoa (2002, p. 197) enfatiza a abordagem da “evolução desse gênero textual, a sua função em diferentes épocas e seu papel no desenvolvimento de outros gêneros”, mostrando-nos que estamos tratando de um gênero que perpassa diferentes domínios discursivos. De acordo com Guillén (1991), a aproximação retórica da carta faz com que as diferenças entre uma carta pessoal e uma carta literária, por exemplo, em muitos casos sejam mínimas. Desse modo, a carta pessoal é uma forma de comunicação influenciada por marcas informais e, por esse motivo, muito apreciada em estudos linguísticos de um *corpus* histórico. Esse gênero é caracterizado pela espontaneidade, proximidade e por diferentes níveis de intimidade entre remetente e destinatário (SOUZA, 2012). Costa (2012) afirma que a essência das cartas pessoais está baseada no tipo de relação existente entre os interlocutores, de maneira que essa relação é o que determinará o subgrupo no qual tal missiva deve estar inserida. A mesma autora também considera que:

O rótulo “carta pessoal” engloba, na verdade, uma série de realizações com propósitos comunicativos muito diversos, desde o desejo de expressar amizade, o falar sobre religião, o de fazer fofoca sobre a vida alheia, o de dar notícias sobre a família até o de declarar amor de forma íntima. As epístolas do apóstolo Paulo (como Coríntios e Tiago, por exemplo) são cartas pessoais, que não podem ser lidas, definitivamente, do mesmo modo que as cartas escritas por Goethe à sua amada Christiane Vulpius. (COSTA, 2012, p. 145) (grifos da autora).

Numa perspectiva similar, Souza (2012, p. 114) identifica na carta pessoal três (grandes) grupos, em conformidade com “os tipos de relação interpessoal estabelecida entre remetente e destinatário”. Esses grupos são denominados cartas de família, cartas de amigo e cartas de amor. A respeito da última categoria proposta pela autora, podemos afirmar que é um subgênero marcado por diferentes níveis de intimidade entre os interlocutores, que geralmente são cônjuges, pretendentes, noivos etc. Consoante Silva (2002, p. 61), este subgênero pode pertencer tanto à esfera das relações pessoais e íntimas quanto ao domínio literário, haja vista a existência dos chamados romances epistolares.

Nosso objetivo neste trabalho é, então, investigar as principais características do subgênero carta de amor presentes nas correspondências analisadas, bem como verificar de

² Para exemplificar, a carta pode assumir o papel de um tratado de ciência (as cartas de Freud), de um relato histórico-geográfico (a Carta de Pero Vaz de Caminha), de uma obra literária (as Cartas Portuguesas de Mariana Alcoforado), de uma solicitação de emprego ou um pedido de demissão, etc.

que forma o nível de intimidade entre o casal se manifesta textualmente. Para tanto, usaremos como *corpus* de análise cinco correspondências trocadas entre um casal pernambucano nos anos de 1949 e 1950. Faz-se importante mencionar aqui que as correspondências analisadas têm como escreventes/receptores pessoas com nível de escolaridade menos elevado: o casal Z e N³. Em contraste com correspondências amorosas trocadas por pessoas ilustres, cujos registros se encontram atualmente em arquivos públicos ou publicados em livros ou coletâneas, as cartas aqui analisadas nos trazem características mais fieis dos modos de dizer empregados na época. Visamos, também, criar um acervo histórico da língua praticada no Estado no século XX, uma vez que a carta pessoal dá espaço para que o escrevente utilize modos de dizer que se aproximam da espontaneidade de uma conversação face a face.

De tal maneira, nossa análise está pautada na teoria de gêneros do discurso proposta por Bakhtin (2000), que leva em conta o caráter social e subjetivo da linguagem e considera a carta como pertencente ao universo dos gêneros primários, enfatizando que a missiva transmuta por diferentes gêneros e que percorre diversos meios sociais; e na concepção de gênero textual estabelecida por Marcuschi (2008, p. 161), na qual, “os gêneros são atividades discursivas socialmente estabilizadas que se prestam aos mais variados tipos de controle social e até mesmo ao exercício do poder”. Outro conceito que norteia esta investigação é o de Tradições Discursivas (KOCH, 1997 *apud* LONGHIN, 2014; OESTERREICHER, 1997 *apud* LONGHIN, 2011; KABATEK, 2003, 2006) que está relacionado ao entendimento do texto como ação linguística e instrumento de ação comunicativa e à recorrência de um texto, forma textual, ou maneira *sui generis*, oral ou escrita, que evoca uma determinada constelação discursiva (KABATEK, 2006, p. 512).

Iniciaremos nossa discussão apresentando os conceitos de hipergênero e subgêneros, baseados nas principais teorias de gêneros textuais/discursivos; em seguida, conceituaremos a noção de Tradições Discursivas, mostrando como ela pode ser útil na categorização das cartas de amor; após isso, apresentaremos os principais elementos fixos da carta pessoal, traçaremos um breve perfil sócio-histórico do casal de escreventes e abordaremos as principais características linguístico-discursivas das cinco cartas analisadas, mostrando também as principais tradições discursivas detectadas; finalizamos o artigo com as considerações finais.

³ Por se tratar de informantes vivos, foi acordado que suas identidades seriam preservadas.

2 A carta pessoal e as teorias de gêneros

A seguir, buscaremos situar a carta e, mais especificamente, a carta de amor, dentro do conceito de gêneros discursivos defendido por Bazerman (2005, p. 38), que assegura que as características dos gêneros “estão intimamente relacionadas com as funções principais ou atividades realizadas pelo gênero”; nos estudos de Bakhtin (2000), que localizam a carta dentro dos gêneros primários; no conceito de gênero textual difundido por Marcuschi (2005, 2008, 2011); e no conceito de hipergênero estabelecido por Maingueneau (2006), o qual será tomado como base, neste trabalho, juntamente com a categorização proposta por Souza (2012) para a identificação das marcas linguístico-discursivas pertinentes às cartas de amor. Assim, compreendemos que a carta, de modo geral, se configura como hipergênero, ou rótulo, que comporta alguns gêneros, como a carta pessoal e a carta comercial. Nessa classificação, os gêneros abrigam subgêneros, delimitados, dentre outros fatores, pela relação existente entre interlocutores.

2.1 A carta como hipergênero

Em suas considerações sobre gêneros do discurso, Bakhtin (2000, p. 277) classifica-os como “tipos relativamente estáveis de enunciados” que colaboram com o desenvolvimento dos diferentes processos de comunicação, inserindo, então, essa abordagem em todas as atividades humanas. As ideias de Bakhtin serviram como base para diversos estudos, como o desenvolvido por Marcuschi (2005, p. 18), que afirma que os gêneros são flexíveis e maleáveis. Marcuschi (2005) observa, então, os gêneros a partir de um ponto de vista mais cognitivo, em oposição às abordagens que favorecem a estrutura e/ou a forma.

Dominique Maingueneau (2006) foi um dos autores que partiram da teoria de Bakhtin e, assim como Marcuschi, explorou a flexibilidade (correspondente ao “relativamente” do conceito bakhtiniano) dos gêneros. Esse autor argumenta que os rótulos influenciam os aspectos formais e de interpretação dos gêneros, uma vez que a caracterização dos gêneros é fundamental para a identificação dos recursos empregados em diferentes exemplares de um mesmo gênero.

Assim, Maingueneau (2006) afirma que os hipergêneros são caracterizados pelo uso dos rótulos, tais como o rótulo “carta”. Segundo ele, a correspondência epistolar, por sua proximidade com o intercâmbio conversacional, permite formatar os mais diferentes

conteúdos sob o mesmo rótulo. A caracterização das cartas como hipergênero se baseia no fato de que nelas emergem os diversos gêneros discursivos, “os quais exercem a sua função de acordo com as características de cada um e sua finalidade de intermediar a comunicação entre os usuários” (MELO; BRITO, 2011, p.4). Baseados nisso, defendemos a identificação da carta como hipergênero, pois nela aparecem outros gêneros discursivos, cada um deles com uma finalidade comunicativa específica.

2.2 Carta pessoal como gênero

A correspondência pessoal geralmente transmite a expressão pessoal do escrevente, sendo assim uma forma de comunicação carregada por subjetividade. Este tipo de correspondência é especificamente utilizado na comunicação entre indivíduos que mantêm um vínculo de relacionamento; este relacionamento pode ser de variados tipos – um relacionamento entre amigos, cônjuges, irmãos, pais e filhos etc. – e se mostrar textualmente também sob variadas formas. A finalidade discursiva desse gênero pode transitar por objetivos diversos – fazer um convite, prestar agradecimentos, narrar algum fato ocorrido, pedir informações etc.

De acordo com Nascimento e Espíndola (2008, p.4), alguns dos elementos constituintes da missiva “parecem essenciais e necessários a todos os subgêneros de carta que circulam nas diferentes instâncias e domínios discursivos, decorrentes do caráter formulaico do gênero”. Sobre os gêneros formulaicos, os mesmos autores afirmam que “são aqueles vistos como exemplares que seguem um padrão formal de construção, como é o exemplo da carta, da ata de reuniões, do parecer, etc.” (2008, p. 6). Ainda segundo os autores, o interlocutor é norteador da produção textual e o estilo particular da carta pessoal é marcado pela relação existente entre escrevente e receptor. Silva (2007, p. 24) argumenta que “nos gêneros formulaicos, padronizados, haverá um direcionamento, instruído pela intenção do locutor, para o qual deve convergir a percepção do outro”. De modo que saber para quem estamos escrevendo é fundamental para reunirmos as estratégias discursivas e organizá-las de modo adequado.

Ademais, as cartas pessoais são textos de concepção falada e meio fônico. Esse tipo de texto possui mais proximidade comunicativa, em oposição aos textos de concepção escrita e meio gráfico, que apresentam mais distância comunicativa. Segundo Koch e Oesterreicher (2007), as formas comunicativas apresentam-se sob o meio gráfico e fônico. Essas formas

comunicativas são estabelecidas num *continuum* cujas extremidades são compostas pela proximidade ou pela distância comunicativa. De acordo com Hilgert (2006), Koch e Oesterreicher (2007) organizam os termos fala e escrita em dois sentidos. Primeiramente, fala e escrita denominam meios diferentes de realização textual (a fala é a manifestação fônica e a escrita é a manifestação gráfica); num segundo plano, o ponto de vista dos autores diz respeito a distintas maneiras de concepção de um texto. Dessa forma, uma carta pessoal, mesmo que seja realizada por escrito, está, conceitualmente, mais próxima de um texto falado. Conforme Gomes e Lopes (2016, p. 5), a correspondência pessoal:

Apresenta uma combinação paramétrica que favorece a proximidade comunicativa no que diz respeito à privacidade, à familiaridade entre os interlocutores, à emocionalidade, à espontaneidade relativa e ao desenvolvimento temático livre. Daí a carta pessoal ter um caráter de ‘conversação escrita’.

De acordo com Costa (2012, p. 146), além da superação da distância temporal e espacial entre os interlocutores, a correspondência pessoal contribui para a elaboração da escrituralidade de uma concepção discursiva da distância na qual os textos ganham em grau de complexidade e em capacidade de armazenamento. Portanto, faz-se necessária uma análise mais aprofundada do gênero, uma vez que dele emergem variadas formas de comunicação.

2.3 Os subgêneros da carta pessoal

A configuração, influenciada por fatores históricos e sociais, da carta enquanto gênero textual/discursivo nos leva à necessidade de subcategorização em distintos grupos menores. Um indício de tal necessidade está contido na divisão da carta comercial, gênero considerado como oposto à missiva pessoal e subcategorizado em uma infinidade de grupos genéricos, cada um com traços específicos – que também dizem respeito à relação entre interlocutores (mesmo que seja um interlocutor fictício ou genérico) e à finalidade comunicativa – que o diferencia dos demais. Entre os subgêneros da carta comercial estão o requerimento, o memorando, a carta de apresentação, a de demissão etc.

Todorov (1980, *apud* PESSOA, 2002, p. 197) afirma que cada gênero “é sempre uma transformação de um ou vários gêneros antigos: por inversão, por deslocamento, por combinação”. Os gêneros estão intrinsecamente articulados com as práticas sociais, os

aspectos cognitivos, os interesses, as relações de poder, as tecnologias, as atividades discursivas e culturais. Marcuschi (2011, p. 19) diz que os gêneros “mudam, fundem-se, misturam-se para manter sua identidade funcional com inovação organizacional”.

Nesse contexto de inovações e mudanças, situamos a carta pessoal e seus subgêneros de acordo com os estudos de Souza (2012), que identifica na carta pessoal três grupos, usando como parâmetro para essa divisão as diferentes relações interpessoais estabelecidas entre remetente e destinatário. Souza subdivide, então, a carta pessoal em: cartas de amigo – trocadas entre parentes não próximos ou amigos/colegas com maior ou menor nível de intimidade; cartas de família – correspondências produzidas entre membros da família nuclear; e cartas de amor – trocadas entre cônjuges, pretendentes, noivos etc. A seguir, abordaremos um dos conceitos básicos para a identificação dos subgêneros da correspondência pessoal: o de Tradições Discursivas.

3 Tradições Discursivas nas cartas pessoais

O conceito de Tradições Discursivas (ou TD), que “está inevitavelmente ligado ao próprio conceito de texto” (COSTA, 2012, p.148), é de considerável importância para análises de viés histórico de determinado fenômeno linguístico-discursivo e também para abordagens que envolvam a historicidade dos gêneros textuais/discursivos. As Tradições Discursivas se constituem como modelos textuais, social e historicamente convencionalizados, que compõem a memória cultural de determinada comunidade (LONGHIN, 2014).

Essa teoria passou a ser desenvolvida com base nos estudos de Coseriu (1979), que propõem três distintos níveis de atividade linguística, incluindo o nível histórico – correspondente aos estudos da historicidade da língua. Koch (1997, *apud* LONGHIN, 2014) sugere a duplicação desse nível histórico de Coseriu, colocando, de um lado, as línguas históricas e, do outro lado, as tradições de textos ou tradições discursivas.

Oesterreicher (1997, *apud* LONGHIN, 2011) observa que os textos, em seus meios e concepções fônicos e escritos, como a carta pessoal, apresentam um *continuum* de variações, tendo, então, as Tradições Discursivas “um caráter móvel”. O mesmo autor também sugere que as TD constituem, junto com a língua, um filtro que leva à finalidade comunicativa, quer dizer, à finalidade do enunciado.

Sintetizando as teorias sobre as TD, concordamos com Kabatek (2003) ao afirmar que as tradições podem se formar em relação a qualquer finalidade de expressão ou a qualquer

elemento de conteúdo, cuja repetição estabelece uma relação de união entre tradição e atualização. Nesse contexto, as TD são essenciais para a verificação dos elementos caracterizadores das cartas de amor enquanto subgênero, bem como dos traços de mudanças e permanências na língua e no discurso e das demais marcas que evidenciam a identidade social dos escreventes e a relação existente entre emissor e receptor das missivas. A seguir, apresentaremos as cartas que constituem nosso *corpus*, bem como o perfil dos escreventes.

4 Análise

Para a realização desta análise, foram selecionadas cinco cartas de amor produzidas no Estado de Pernambuco⁴. Ademais das missivas que serão apresentadas, outras cartas pernambucanas pertencentes aos demais subgêneros (de família e de amigo) foram coletadas e analisadas como parte de um projeto maior, cujos resultados serão apresentados na dissertação de mestrado do autor.

Antes de efetivamente apresentarmos os escreventes e excertos selecionados das cartas transcritas⁵, é importante mencionar os elementos que constituem as cartas pessoais. Local e data, vocativo, captação de benevolência, corpo do texto e despedida são elementos comuns a todos os subgêneros da missiva pessoal e de alguns subgêneros da correspondência comercial. O *local* e a *data* são alguns dos traços fixos da carta, bem como o *vocativo*, que marca textualmente o interlocutor; a *captação de benevolência* pode aparecer em toda a carta ou somente em partes específicas, como na saudação e/ou na conclusão; o *corpo do texto*, ou núcleo da carta, é onde se encontra o motivo pelo qual tal carta está sendo escrita; a *despedida* geralmente é elaborada numa constituição formulaica, que inclui a identificação (assinatura) do missivista. Agora, apresentaremos um breve perfil sócio-histórico do casal de escreventes das nossas cartas de amor.

a. Perfil sócio-histórico dos escreventes

Como já informado anteriormente, nossos escreventes são um casal pernambucano – casado há mais de cinquenta anos – que atualmente reside na cidade de Olinda. As cartas

⁴ Todas as cartas analisadas foram obtidas mediante doação e fazem parte do projeto *Formas tratamentais em cartas pessoais pernambucanas dos séculos XIX e XX: uma interface entre tradição discursiva e sociolinguística histórica*, sob a coordenação da Profa. Dra. Valéria Gomes.

⁵ O material coletado foi transcrito segundo os parâmetros sugeridos por Guedes e Berlink (2000).

foram trocadas entre eles nos anos de 1949 e 1950, quando Z trabalhava no Recife e N morava no município de Goiana, litoral norte do Estado.

Filha de uma operária, N nasceu em 1935, no Recife. Não conheceu o pai. Estabeleceu-se na cidade de Goiana, a partir de um ano e meio de idade, morando nessa cidade até se casar, aos quinze anos, quando voltou a morar no Recife e, depois, em Olinda, onde reside até a atualidade. Juntamente com a mãe e os irmãos, N sofria maus tratos do padrasto. N Concluiu o ensino primário. Tornou-se evangélica da igreja Assembleia de Deus aos treze anos. Quando solteira, trabalhou em um laboratório por pouco tempo; não exerceu mais nenhuma atividade profissional após casar-se com Z.

As três cartas de amor enviadas por N a seu noivo, que compõem nosso *corpus* de pesquisa, relatam: a saudade sentida; a falta de notícias enviadas; notícias cotidianas; e declarações de amor.

Z nasceu em Goiana, em 19 de março de 1928. Concluiu a educação básica. Aposentou-se como comerciante, mas já exerceu as profissões de encanador, motorista de caminhão, vendedor de sapatos, fabricante de sapatos e vendedor de móveis. É de orientação religiosa evangélica, da igreja Assembleia de Deus, assim como sua esposa. Casou-se com sua prima de segundo grau, N. As duas cartas analisadas para essa investigação expressam: pedido de notícias; desejo de boas festas de fim de ano; envio de algum dinheiro para as festas de fim de ano; e declarações amorosas.

Daremos continuidade à nossa discussão expondo as principais marcas linguístico-discursivas e Tradições Discursivas que estão presentes nas correspondências trocadas entre Z e N, de acordo, também, com o critério de poder e solidariedade.

b. Traços linguístico-discursivos e TD nas cartas de amor

De acordo com os parâmetros de poder e solidariedade propostos por Brown e Gilman (1960) e revisitados por Gomes e Lopes (2016), há três tipos de relações que podem ser estabelecidas textualmente: relações assimétricas ascendentes (carta de filho para a mãe, por exemplo); relações assimétricas descendentes (carta de pai para filha, por exemplo); e relações simétricas (cartas entre casais, por exemplo). Nossas cartas de amor apresentam, naturalmente, relações simétricas, devido, sobretudo, ao nível de intimidade entre o casal, que propicia uma comunicação “de igual para igual”. A solidariedade entre o casal começa a ser estabelecida a partir do vocativo, elemento que, juntamente com a captação de benevolência

no início do texto, evidencia a “afetividade e a proximidade respeitosa estabelecida entre os dois interlocutores” (GOMES e LOPES, 2016, p. 7).

No que tange aos elementos composicionais, verificamos que, logo na seção de abertura, já há indícios da relação de intimidade estabelecida. As cartas delimitam no vocativo o grau de intimidade mantido entre os interlocutores, aparentando mais proximidade e afetividade (Queridinho – Carta 1; Querido – Cartas 2 e 3; Querida – Carta 4; Queridinha – Carta 5). Na sessão de abertura, o escrevente pode, também, aparentar certa distância e cerimônia, a depender do grau de intimidade (se são pretendentes, por exemplo, espera-se que o tratamento seja norteador por certa distância comunicativa).

A captação de benevolência no início do texto é outro elemento que dá indícios da relação estabelecida entre os amantes. Nas cartas 2 e 4, Z e N optam por iniciar o texto com a confirmação do recebimento de mensagens anteriores, mas com marcas explícitas de romantismo e de afetividade expressas, por exemplo, na hipérbole “coração cheio de alegria” e no emprego do diminutivo “cartinha”:

(Ex. 1) É com o coração cheio das maiores alegria | Que venho por meio desta simples pala-|vra responder a tua cartinha (Carta 2)

(Ex.2) Querida e com o coração cheio de alegria que respondo | a tua amorosa cartinha que me alegrou (Carta 4)

Na captação de benevolência ao final do texto, notamos a manutenção da relação encontrada no início do texto: N pede para que seja lembrada em orações na Carta 2, e Z, na Carta 4, utiliza os mesmos termos que indicam sua relação amorosa com sua noiva:

(Ex. 3) Bom meu amor aqui fica quem ti ama | nas maiores auzencia envio a paz a tia [inint.] i a vivi | E muitas rescordação fim (Carta 4)

(Ex. 4) Minhas palavras também pedindo | lembra-te de mim nas tuas orações | para jesús me fazer cada dia mais | fiel. (Carta 2)

Podemos afirmar, com base no núcleo dos textos, que as cartas de amor são as que mais estão carregadas de subjetividade. Silva (2002, p. 157) afirma que o trabalho subjetivo do escrevente se reflete “na construção do texto, na própria organização dos enunciados”. De fato, todas as missivas de amor analisadas trazem uma rica bagagem de expressões subjetivas, carregadas de emotividade, através das quais se pode facilmente indicar o tipo de relação existente entre os interlocutores. Por muitas vezes, escreventes produzem cartas de amor

simplesmente para afirmar ou consolidar o sentimento pelo destinatário. Nesse sentido, a carta de amor assemelha-se à conversa espontânea, uma vez que os temas podem se mesclar naturalmente no corpo da carta. A Carta 4 nos fornece exemplos tanto do caráter despretensioso do tema, quanto da progressão temática espontânea⁶:

(Ex. 5) N tu não sabe quanto eu sinto esta tão grande | auzencia que mi vejo de ti porque quando eu imagino | a pessoa que eu mais amos na minha vida [inint.] | desta ver si posso da uma so palavra i não posso | contempra a tua linda face, mais eu mi conforto | em Deus, sabendo que um dia si Deus permiti não | possa viver em união com tigo não é, sim N | nu dia que eu vir si lar assim que eu cheguei eu esqrevi | a carta demorou a chega na sua mão. Porque o atraso | foi do correio agora voce demorou a responde | a minha carta que eu pegava as tuas carta mais | velha e lia e relia mi lembrado di voce até | um dia chegou tua linda cartinha e meu coração | abrisse as tuas palavras entrou e eu fiquei | confortado; N vose disse que uma linha que eu | escrevesse ti confortava não é. E eu te digo | que mi alegre já com uma lembrança já (Carta 4)

Na Carta 5, podemos perceber claramente o caráter de “conversa espontânea” que a carta de amor proporciona ao casal. Além das várias recomendações, podemos verificar uma das características essenciais da correspondência pessoal – principalmente no século passado – que é a resposta idealizada a uma pergunta feita direta ou indiretamente no corpo do texto (A si eu tivesse a felicidade e o prazer e saber | que tu tinha esse mesmo gosto com migo tem a|mor?). A identificação do escrevente ao final do texto como “teu noivo” pode simbolizar a estima e uma reafirmação da relação existente, e persistente, entre os dois, como podemos observar a seguir:

(Ex. 6) A si eu tivesse a felicidade e o prazer e saber | que tu tinha esse mesmo gosto com migo tem a|mor? A carda di dedinho faça toudo possivel | di mandar logo viu amor || N eu sei que esta carta ja esta muito enfadonha | mais vocer tenha pasciencia com migo vui? || mande a carta di dedinho ugente || Air vai suas festa e eu não sei quando apareço | mais não tem dia nem hora que eu não apare-|ça e ter quaquer forga eu apareço viu? || Fico nas maiores auzencias di quem tanto amor| teu noivo || Discupe os erro os borois (Carta 5)

No eixo dos elementos linguístico-discursivos, as missivas possuem diversas ocorrências de marcadores conversacionais, que são verbais, prosódicos e/ou não linguísticos

⁶ Koch (2002, p. 121) afirma que a progressão textual por continuidade temática “diz respeito aos procedimentos linguísticos por meio dos quais se estabelecem, entre os segmentos do texto (enunciados, partes de enunciados, parágrafos e mesmos sequências textuais) diversos tipos de relações semânticas e/ou pragmático-discursivas, à medida que se faz o texto progredir”.

e que desempenham uma função interacional na fala. Nos textos, esses marcadores são caracterizados por vocativos (nomes dos interlocutores) e aproximam ainda mais as cartas de uma conversa face a face. A ocorrência desses marcadores tem por finalidade reforçar a continuidade dos tópicos, criando uma maior fluência na dinâmica conversacional.

(Ex. 7) Z se fôr verdade | o que você manda dizer-me em tua | cartinha eu poderia
concliderar-me | Feliz [...]
Z tú pedes que | eu ore por ti [...]
Sim Z eu mandei está | carta e tí (Carta 2)

(Ex. 8) N são este os momentos mais feliz da minha vida [...]
sim N eu | disse que eu ia agora em natal mais não e possível [...]
Olha N eu tava com tanta vontade di ir para as | festa com voces [...]
Sim N a ir vai suas festa viu amor (Carta 5)

Sobre a transposição de elementos da modalidade falada para a modalidade escrita nessas missivas, podemos ponderar que se trata de um fenômeno que contribui para que haja mais ocorrências de desvios grafemáticos, sendo, então, um indicativo de baixo nível de letramento dos missivistas, pois evidencia pouca intimidade com textos escritos (LOPES; ALMEIDA, 2013). Alguns desvios grafemáticos coletados (esqrevi, Carta 4), bem como algumas segmentações e/ou junções de sílabas ou palavras (dizerti, Carta 4; com migo, Carta 1) podem ser justificados por certa insegurança em relação ao sistema ortográfico vigente (penço, Carta 3) e à prática de escrita, de certa forma, fonética. Há também casos que indicam uma aquisição irregular de escrita por parte dos interlocutores (simcero, Carta 2) e marcas da pronúncia refletidas na escrita (forga, Carta 5).

i. Tradições Discursivas nas correspondências de N e Z

Em relação às TD encontradas nos textos, observamos modos de dizer recorrentes (não apenas em relações amorosas, mas também no convívio familiar, por exemplo). Expressões no diminutivo com conotação afetiva, adjetivos qualificadores e um tom saudosista fazem parte desse tipo de carta, devido à proximidade dos interlocutores e à relação simétrica estabelecida pelo casal.

(Ex. 9) nada mais queridinho || Da tua esquecida || que nunca se esquece || de você ||
aqui fica nas maiores || ausencia quem te ama (Carta 3)

Ainda no que concerne às TD encontradas no subgênero, nossos informantes não ilustres nos apresentam uma tradição advinda da oralidade: a saudação de base religiosa. Saudar algum correligionário desejando-lhe a *paz do Senhor* é uma tradição nas igrejas evangélicas brasileiras (CORREIA JÚNIOR, 2005)⁷. Percebemos que saudações desse tipo substituem as saudações cotidianas tradicionais, como o *bom dia*. A partir do uso desse tipo de saudação, o produtor do ato comunicativo evidencia, então, sua orientação religiosa. Nesse sentido, as cartas de amor trocadas por N e Z apresentam essa marca recorrente de saudação mesclada com outros elementos de conotação afetuosa, a exemplo dos vocativos “queridinho” e “queridinha”:

(Ex. 10) Queridinho a paz do senhor (Carta 1)

(Ex. 11) Mãe envia-te a paz do senhor || e Vivi também (Carta2)

(Ex. 12) Querido Z paz do senhor (Carta 3)

(Ex. 13) Querida N A paz do Senhor (Carta 4)

(Ex. 14) Queridinha N a paz do Senhor (Carta 5)

Tratamos aqui de expressões elípticas. Historicamente, essa saudação sofreu supressões de elementos, uma vez que é provável que se falasse inicialmente: *saúdo-lhe com a paz do Senhor* ou *desejo-lhe a paz do Senhor*. Kabatek (2006, p. 9) afirma que “tradições de textos muito frequentes tendem à elipse e a uma crescente opacidade, de maneira comparável aos elementos linguísticos ao longo de um canal de gramaticalização”. Sendo assim, o uso dessas saudações como atos de fala configura-se como TD na medida em que, de acordo com Kabatek (2006), se segue uma tradição que vai além das regras da língua, ou muitas vezes até contrariando tais regras. A saudação religiosa é, portanto, um modo tradicional de dizer que se estabelece como TD de acordo com a relação histórica com algo que já foi dito anteriormente. Indo além do posto de simples saudação, a configuração desses enunciados como TD implica que eles fazem referência à tradição dessa saudação, sendo relacionados com atos linguísticos que relacionam o texto com a realidade e também o relacionam com outros textos pertencentes à mesma tradição.

⁷ Um estudo detalhado sobre esse tipo de saudação religiosa está contido no trabalho de Correia Júnior (2005), que mapeia o uso dessa forma de cumprimento em igrejas evangélicas brasileiras.

5 Conclusão

Através da análise exposta, podemos verificar que as cartas de amor como extrato das cartas pessoais, carregam uma intimidade entre seus interlocutores. Essa intimidade manifesta-se textualmente por meio dos recursos linguístico-discursivos utilizados. “O agenciamento dos recursos linguísticos – seleção lexical, estruturação sintática –, a disposição de algumas informações, a escolha de estratégias de polidez ou interativas traduzem singularidade e individualidade do escrevente” (SILVA, 2002, p. 157), além de evidenciar a relação estabelecida entre o casal, conforme o subgênero da missiva.

As cartas trocadas entre Z e N apresentam várias dessas marcas que demonstram a afetividade característica ao subgênero. À luz da teoria de Tradições Discursivas, podemos compreender as possíveis origens e significados dos principais recursos textuais utilizados pelos escreventes. As TD nos ajudam a entender, portanto, os principais elementos constituintes da parte formulaica das cartas, bem como outros tantos recursos que podem ser utilizados mediante a espontaneidade da forma comunicativa.

O fato de nossos escreventes serem pessoas comuns, não ilustres, com nível de letramento baixo, fez com que se evidenciassem tradições discursivas (a saudação de cunho religioso, por exemplo) e recursos linguístico-discursivos (como os marcadores conversacionais, por exemplo) que talvez não pudessem ser vistos em outras missivas escritas e/ou recebidas por pessoas ilustres, por exemplo. Por isso, acreditamos que nosso *corpus* de análise nos dá uma visão, mesmo que parcial, dos elementos fixos desse subgênero, que puderam ser claramente identificados nas correspondências abordadas e, certamente, são encontrados em várias outras cartas de amor, de pessoas ilustres ou não, com diversas finalidades, ao longo da história.

Cientes de que os gêneros passam por processos de adaptação e simplificação (PESSOA, 2002), defendemos que a caracterização dos subgêneros e, no enfoque desta pesquisa, das cartas de amor dentro de um conjunto maior nos ajude a compreender fenômenos atuais, que envolvem principalmente os gêneros digitais e o aperfeiçoamento e mudança das formas de comunicação. Apesar de a carta ter, de certa forma, se tornado obsoleta mediante novos meios mais ágeis de se comunicar, podemos notar sua essência nesses novos tipos de comunicação. Dessa maneira, os modos de dizer e os recursos linguísticos utilizados por Z e N, há 65 anos, podem continuar sendo usados por diferentes casais na atualidade.

Referências

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Trad. Maria Ermantina Galvão G. Pereira. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000. p. 277-326.

BAZERMAN, C. **Gêneros textuais, Tipificação e interação**. São Paulo: Cortez, 2005.

BROWN, R.; GILMAN, A. The pronouns of power and solidarity. In: SEBEEK, T. A. **Style in Language**. Massachusetts: Ed. MIT Press, 1960, p. 253-276.

CORREIA JÚNIOR, J. L. Raízes Religiosas da palavra paz: Um olhar a partir das Sagradas Escrituras Judaico-Cristãs. **Revista de Cultura Teológica**, v. 13, n. 52, jul./set., 2005. Disponível em <revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/download/14958/11154>. Acesso: em 16 jun. 2015.

COSERIU, E. **Teoria da linguagem e Linguística geral**. Trad. Agostinho Dias Carneiro. Rio de Janeiro: Presença Edições, 1979.

COSTA, A. C. Ação – formulação – tradição: a correspondência de Câmara Cascudo a Mário de Andrade de 1924 a 1944 entre proximidade e distância comunicativa. In: MARTINS, M. A.; TAVARES, M. A. (Orgs.). **Projeto História do Português Brasileiro no Rio Grande do Norte**: análise linguística e textual da correspondência de Luís da Câmara Cascudo e Mário de Andrade – 1924 a 1944. Natal: EDUFRN, 2012, p. 143-184.

GOMES, V. S.; LOPES, C. R. dos S. Formas tratamentais em cartas escritas em Pernambuco (1869-1969): tradição discursiva e sociopragmática. **Revista de Estudos da Linguagem**, v. 24, p. 137-165, 2016.

GUEDES, M.; BERLINK, R. de A. (ed.). **E os preços eram commodos** – Anúncios de jornais brasileiros século XIX. São Paulo: Humanitas, 2000.

GUILLÉN, C. **Al borde de la literariedad**: literatura y epistolaridad. Tropelías, 1991.

HILGERT, J. G. A construção do texto “falado” por escrito: a conversação na Internet. In: PRETI, D. **Fala e Escrita em questão**. 6. ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2006, p. 17-55.

KABATEK, J. **Tradiciones Discursivas y Cambio Lingüístico**. Fundación Duques de Soria. Seminário de História da Língua Espanhola “El cambio lingüístico na historia española. Nuevas perspectivas”. Soria, Del 7 a 11 de Julio de 2003.

KOCH, I. G. V. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. Tradições discursivas e mudança linguística. In: LOBO, T; RIBEIRO, I.; CARNEIRO, Z.; ALMEIDA, N. (Orgs.). **Para a história do português brasileiro**. Salvador, EDUFBA, tomo II, 2006, p. 505-527.

KOCH, P.; OESTERREICHER, W. **Lengua hablada en la Romania**: Español, Francés, Italiano. Madrid: Editorial Gredos, 2007.

KOCH, P. Diskurstraditionen: zu ihrem sprachtheoretischen Status und ihrer Dynamik". In: B. Frank/T. Haye/D. Tophinke (Hrsg.), *Gattungen mittelalterlicher Schriftlichkeit*, Tübingen: Narr 1997 (ScriptOraia, 99), 1997, 43-79. In: LONGHIN, S. R. **Tradições discursivas: conceito, história e aquisição**. São Paulo: Cortez Editora, 2014.

LONGHIN, S. R. **Tradições discursivas: conceito, história e aquisição**. São Paulo, 2014.

LOPES, C. R. S.; ALMEIDA, E. O perfil sociolinguístico de um casal não ilustre: uma análise grafemática através da edição de cartas particulares. **Revista Confluência**, 43, p. 78-104, 2013. Disponível em < lp.bibliopolis.info/confluencia/pdf/657.pdf >. Acesso em: 16 abr. 2015.

MAINGUENEAU, D. **Discurso Literário**. Trad. Adail Sobral. São Paulo: Contexto, 2006.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação. In: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. (Orgs.). **Gêneros Textuais: reflexões e ensino**. 4. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2011. p. 17-31.

_____. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: XAVIER, Antônio C. (Org.). **Hipertexto e gêneros digitais**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005, p.13-67.

_____. **Produção textual, análise de gênero e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

MELO, N. M. F. S.; BRITO, E. M. O Ambiente Virtual de Aprendizagem Moodle como espaço formativo de múltiplas linguagens – particularidades de um hipergênero. In: SEMINÁRIO DE ESTUDOS DE LINGUAGEM E EDUCAÇÃO, 2, 2011, Vitória da Conquista. **Anais...** Vitória da Conquista, 2011, p. 111-125.

NASCIMENTO, E. P.; ESPÍNDOLA, L. Marcas do interlocutor em cartas produzidas na questão de redação do PSS 2008 da UFPB. **Revista do GELNE (UFC)**, v. 8, p. 133-146, 2008.

OESTERREICHER, W. Zur Fundierung von Diskurstraditionen, en: Frank *et al.* 1997, 19-41. In: LONGHIN, S. R. **Aquisição de tradições discursivas: marcas de uma escrita heterogeamemente constituída**. **Alfa: Revista de Linguística (UNESP. São José do Rio Preto)**, v. 55, p. 225-248, 2011.

PESSOA, M. B. Da carta a outros gêneros textuais. In: LAMOGLIA, M. E. & CALLOU, D. et. al. (Orgs.). **Para a história do Português brasileiro. Notícias de corpora e outros estudos** – vol. IV. Rio de Janeiro: UFRJ/FAPERJ, 2002, p. 197-205.

SILVA, J. Q. G. **Um estudo sobre o gênero carta pessoal: das práticas comunicativas aos indícios de interatividade na escrita dos textos**. 2002. 209 f. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2002.

SILVA, J. M. **A subjetividade linguisticamente marcada em pareceres técnicos e jurídicos**. João Pessoa: editora da UFPB, 2007.

SOUZA, J. P. F. Mapeando a entrada do você no quadro pronominal: análise de cartas familiares dos séculos XIX-XX. 2012. 148 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

Data de recebimento: 29 de setembro de 2016.

Data de aceite: 15 de novembro de 2016.